


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 127835
Título: Douro tem potencial para vinhos de topo					Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 11.2
2006/06/15	JORNAL DE NOTÍCIAS – NEGOCIOS	Pág.8	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 6050.00

Douro tem potencial para vinhos de topo

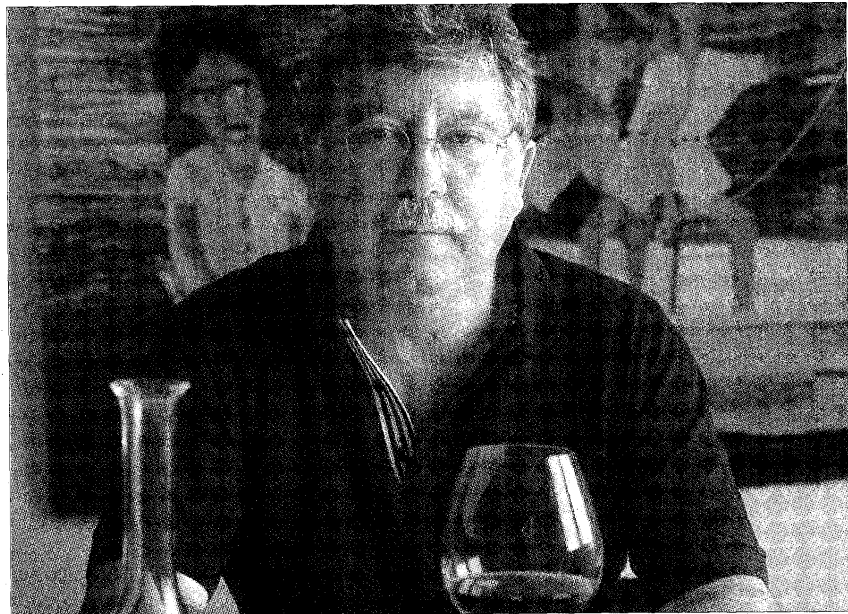
» José A. Salvador analisa região sobre a qual está a preparar o último volume da sua obra » “Enoturismo não existe em Portugal”

José Gomes Bandeira

O Douro, do meu ponto de vista, possui todo o potencial para fazer vinhos de topo a nível mundial”, disse José A. Salvador, em breves declarações para o JN, aquando do recente lançamento, no Porto, do primeiro dos seis volumes da sua obra “Portugal, Vinhos - Cultura e Tradição”, editada pelo Círculo de Leitores e cujo segundo volume, dedicado às Beiras e ao Dão, deverá sair em Julho. Neste momento, aquele jornalista trabalha exactamente no livro dedicado ao Douro e ao vinho do Porto, o único que lhe falta completar e entregar.

A região do Douro, que agora celebra os 250 anos da publicação do seu alvará fundador, do marquês de Pombal, continua no centro de uma antiga polémica a propósito do seu rumo e do seu futuro. José A. Salvador destacou um dos pontos dessa questão: “Quando ouço, por exemplo, a Casa do Douro afirmar que as empresas do vinho do Porto só estão na região por ganância e para obter lucros indevidos, isso só revela que aquela instituição ou não conhece a sua região ou está a mentir”. Pelo contrário, diz-nos que “se não fossem essas empresas, nesta altura, pura e simplesmente já não havia região do Douro”. José A. Salvador acrescenta: “A lenga-lenga da Casa do Douro é uma inverdade histórica e factual”. “Eu falo de factos na minha obra e esses estão naquilo que é feito pelas casas exportadoras do Douro”.

José A. Salvador, que nos



José A. Salvador defende actividade dos exportadores da zona do Douro

A lengalenga da Casa do Douro é uma inverdade histórica e factual

últimos 20 anos percorreu o país “por causa dos vinhos”, diz também que se tem confrontado com duas realidades antagónicas e que “subsistem lado a lado”.

Uma é a do país imobilizado, “conservador e tacanho, que acha que bom é o vinho ‘do lavrador’ quando se sabe que o

vinho do avô não é necessariamente bom e que azedava nos pipos”. Mas, “como se de outro país se tratasse, também existe uma vinicultura dinâmica e moderna, potenciada pelo conhecimento e a investigação, desde a vinha à garrafa”. “Estes dois países ainda coexistem”, acrescenta.

O enoturismo e as rotas dos vinhos têm um lugar importante nesta obra de José A. Salvador. Sobre o primeiro disse-nos que “é coisa que não funciona e não existe em Portugal, temos que ser honestos neste campo”. Assim, “o que eu escrevi são livros de viagens, falo dos vinhos e dos que os fazem, da história, do património, da arte, das pessoas, das casas e dos lugares”.

Enfim, “do que cada um pode ir descobrir por si”, resume o autor.

O vinho, hoje um mercado global, enfrenta realidades totalmente novas. Como responder? Para José A. Salvador, “só temos dois caminhos, que têm que ser paralelos e simultâneos”. O primeiro é “fazer o que chamaria de ‘alta costura’, vinhos raros, caros e de extrema qualidade”. E, a par desses, “os de ‘pronto a vestir’, que não é o mesmo que ‘roupa de feira’, mas sim vinho de boa qualidade e barato”. Se não for assim, “o vinho em Portugal não tem futuro. O sector tem todos os dados para saber que não há outra saída”, conclui.

“Dão pode produzir os melhores nacionais”

A propósito de outras regiões vinícolas de que trata nesta obra, defende, quanto ao Dão, que há ali capacidades para produzir “os melhores vinhos tintos portugueses”, o que só não acontece

“por desleixo de quem lá vive e trabalha”, apesar de algumas honrosas excepções que, mesmo assim, “como diz o ditado popular, não chegam para fazer a Primavera”.

Já sobre os vinhos da Madeira, considera que se deu ali “um grande salto em frente”. O “Madeira” de hoje, acrescenta José A. Salvador, “não tem nada a ver com o que se escre-

veu em obras formais e institucionais, que é o que existe”. O panorama é outro: “Falo do ‘Madeira’ como um grande vinho do mundo, que o é sem dúvida”. Dois factores nessa viagem: “Uma nova geração de enólogos, com conhecimentos técnicos e científicos, embora seguindo metodologias tradicionais” e, por outro lado, “à semelhança do sucedeu com o vinho do Porto, a proibição de exportar a granel”.